DOI 10.5216/o.v15i1.34723

Telenovela: um elemento do cotidiano como fonte de aprendizagem histórica

*Júlia Silveira Matos**
*Elisabete Zimmer Ferreira***

Resumo: Realizamos uma pesquisa exploratória com o objetivo de analisar a telenovela "Gabriela" como um elemento massificador de aprendizagem histórica em relação à temática coronelismo/clientelismo. Utilizamos o estudo de casos múltiplos como método, sustentado nas técnicas de entrevista e de analise de conteúdo. Obtivemos a construção dos seguintes saberes: 1) Poder, mando e submissão, 2) O coronel e sua gente, 3) Fragmentação do sistema, 4) Violência, 5) Política: clientelismo e alianças. Concluímos que os saberes construídos mostraram-se interligados nas falas dos participantes, com especial destaque ao mando e à questão eleitoral. Além disso, os participantes compreenderam a telenovela como uma representação do passado, entenderam as diferenças temporais entre o presente e as cenas exibidas em Gabriela e processaram as operações mentais da experiência, interpretação e orientação.

Palavras-chave: Telenovela; aprendizagem histórica; coronelismo; clientelismo.

*Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.
E-mail: jul_matos@hotmail.com

**Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.
E-mail: elisabetezimmer@yahoo.com.br

Soap Opera: A Component of Everyday Life as a Source of Learning History

Abstract: We conducted an exploratory study aiming at analyzing the soap opera Gabriela as an element of widespread learning of History regarding the issues of colonelism and clientelism. We used multiple case-studies as a method, which has been based on interview techniques and content analysis. We identified the following construction of knowledge: 1) Power, command, and submission; 2) The Colonel and his men; 3) System fragmentation; 4) Violence; and 5) Politics: clientelism and alliances. We concluded that such constructed knowledge is interconnected in the participants' speeches, with special emphasis on command and the electoral issue. In addition, the participants viewed the soap opera as a representation of the past. Thus, they have understood the temporal differences between the present and the scenes showed in Gabriela and processed mental operations of experience, interpretation, and orientation.

Keywords: Soap opera; historical learning; coronelismo; clientelism.

Telenovela: un elemento del cotidiano como fuente de aprendizaje histórico

Resumen: Realizamos una investigación exploratorio con el objetivo de analizar la telenovela "Gabriela" como un elemento de masificar el aprendizaje histórico en relación a la temática caciquismo/ clientelismo. Utilizamos el estudio de casos múltiples como método, sustentado en las técnicas de entrevista y de análisis de contenido. Obtuvimos la construcción de los siguientes conocimientos: 1) Poder, mando y sumisión, 2) El coronel y sus hombres, 3) La fragmentación del sistema, 4) Violencia, 5) Política: clientelismo y alianzas. Llegamos a la conclusión de que los conocimientos construidos se mostraron interconectados en los discursos de los participantes, con especial énfasis en el mando y en la cuestión electoral. Además, los participantes comprendieron la telenovela como una representación del pasado, entendieron las diferencias temporales entre el presente y las escenas exhibidas en Gabriela y procesaron las operaciones mentales de la experiencia, la interpretación y orientación.

Palabras-clave: Telenovela; aprendizaje histórico; caciquismo; clientelismo.

Introdução

A televisão foi trazida para o Brasil em 1950, pelo jornalista Assis Chateaubriand. Desde então ela ganhou tanta popularidade que hoje está presente em 97,2% dos lares brasileiros (IBGE, 2013). Sua presença nas residências brasileiras está respaldada pela lei 8009/90, que declara o televisor como bem impenhorável, visto como meio de divulgação de cultura e educação (BRASIL, 1990). Dentre a programação televisiva estão as telenovelas com grande popularidade na América Latina (TONON, 2005). São elementos constantes de discussão entre a população telespectadora.

Diante dessa premissa, nesta pesquisa, objetivamos analisar a telenovela "Gabriela" como elemento massificador de aprendizagem histórica no que tange à temática coronelismo/clientelismo, pois consideramos que a educação histórica se processa em diferentes instâncias: a acadêmica e de circulação massiva, sendo que nosso objeto se inscreve nesta última.

Em relação à especificidade do conhecimento, um dos primeiros pontos defendidos por Rüsen é que a história não é unicamente propriedade do sistema escolar e, como tal, não se finda nesse espaço, mesmo que tenha nele seu lugar de referência (MARTINS, 2012). Portanto, a aprendizagem histórica se processa mediante três fatores: o primeiro diz respeito à consciência histórica surgida no cotidiano, na práxis da vida, regida pela cultura do indivíduo, fato já discutido; o segundo relaciona-se com a historiografia, ou seja, o modo como as informações dos eventos históricos inscritos na mente dos homens é transformada em história oficial o que envolve métodos de pesquisa, referenciais teóricos, argumentação e narrativa; o terceiro fator é o próprio sistema escolar e como se ensina história (MARTINS, 2012).

Nessa perspectiva, ainda é preciso considerar que a consciência histórica é intrínseca ao ser humano. Logo, é preciso acolher o que é pré-cognitivo para que operem formações históricas de sentido, bem como o aprendizado histórico. É nesse ponto que surgem os modelos interpretativos da consciência histórica classificando de forma sensitiva e pré - racional as informações. Isso produz as primeiras orientações na história, as quais em consonância as experiências de vida e sua racionalização são desenvolvidas de forma parcialmente consciente (RÜSEN, 2012).

Assim, pautamos nossa pesquisa na narrativa histórica construída pelos telespectadores da telenovela "Gabriela", pois a forma de linguagem que os sujeitos expressam consciência histórica e essa realiza sua função de orientação no tempo é a narração (RÜSEN, 2010). Logo, a narrativa histórica é uma operação mental constitutiva, na qual particularidade e processualidade são especificadas, demonstrando a construção de sentido sobre a experiência do tempo (RÜSEN, 2010).

Posto isso, salientamos que o aprendizado histórico surge na narrativa histórica, quando as operações mentais da experiência, da interpretação e da orientação são realizadas. Situação em que a história é apontada como responsável pela orientação cultural na vida prática dos sujeitos.

Considerações teórico-metodológicas

Realizamos uma pesquisa exploratória, apoiada nos pressupostos da Teoria social e crítica da comunicação de massas, que versa sobre a transmissão de uma mensagem produzida pelo emissor e sua decodificação pelo receptor (THOMPSON, 2009a).

A pesquisa exploratória tem por finalidade proporcionar maior conhecimento a respeito de um evento, assim tem maior aplicabilidade quando o tema explorado é pouco conhecido, o que inviabiliza a formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008).

Utilizamos como metodologia o estudo de casos múltiplos, que obedece à lógica da replicação, evidenciando os fenômenos pelos quais a aprendizagem histórica se processa, visando a observar além da trajetória e da repercussão de seus fenômenos, seus efeitos em todo seu contexto (MARTINS, 2008; YIN, 2011).

Para ao estudo de caso foi selecionada uma amostra que atendeu aos seguintes critérios: 1) Ambos os sexos; 2) Estar em condições de interagir com a pesquisadora; 3) Ter sido telespectador da telenovela "Gabriela"; 4) Estar fora dos recintos formais de educação histórica, tendo, portanto, como principal fonte de aprendizagem o conteúdo exibido nas cenas da telenovela; 5) Ter algum vínculo com o ambiente hospitalar, pois foi nesse espaço que surgiram os diálogos que apontaram para a possibilidade da educação histórica por meio de telenovela.

Para a coleta os dados, realizamos entrevistas com os participantes, que foram agendadas por telefone e realizadas em domicílio conforme a disponibilidade de cada um. Os preceitos éticos foram preservados, bem como o sigilo da identidade dos participantes, motivo pelo qual suas narrativas foram identificadas com nomes de pedras preciosas.

As entrevistas foram analisadas conforme a técnica da análise de conteúdo, que pressupõe três fases (BARDIN, 2011). Na primeira fase, preparamos o material, transcrevemos e lemos as entrevistas, momento em que constituímos o arcabouço documental.

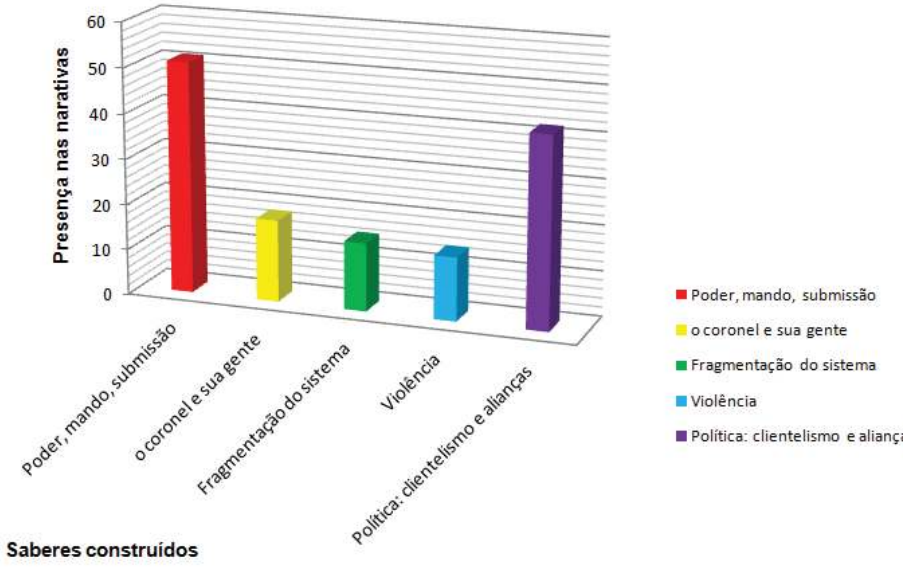
Na segunda fase, procedemos à marcação e extração das unidades de referências nas narrativas, ou seja, afirmações que estivessem relacionadas ao sistema coronelístico e, principalmente, às três dimensões da aprendizagem histórica (experiência, interpretação e orientação). Posteriormente, os extratos das narrativas foram agrupadas em categorias a fim de delinear a aprendizagem histórica dos participantes tendo como referência a telenovela "Gabriela".

Na terceira, interpretamos os dados obtidos mediante a análise das categorias elencadas, pautadas em três pontos. O primeiro diz respeito ao reconhecimento dos fatos históricos apresentados na telenovela. O segundo, à correlação que o respondente fazia entre os fatos históricos apresentados na telenovela e o contexto de produção e exibição da mesma, considerando os pressupostos da teoria social e crítica de comunicação de massa. O terceiro trata da correlação que os participantes fizeram entre as cenas da telenovela, os saberes que construíram e a aplicação destes em suas vidas práticas, o que possibilitou verificar a hipótese da telenovela "Gabriela" como um agente promotor de aprendizagem histórica.

Resultados e discussão

A menção aos personagens e à história de cada um deles nas narrativas dos participantes permitiu extrair as unidades de referência que evidenciaram os saberes construídos pelos participantes por meio do acompanhamento sequencial e regular dos capítulos da telenovela "Gabriela". Os saberes obtidos foram: 1) Poder, mando e submissão, 2) O coronel e sua gente, 3) Fragmentação do sistema, 4) Violência, 5) Política: clientelismo e alianças. Esses saberes foram ilustrados em sua totalidade no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Saberes construídos, evidenciando aprendizagem da temática coronelismo/ clientelismo na narrativa dos participantes, Rio Grande – RS, 2014.

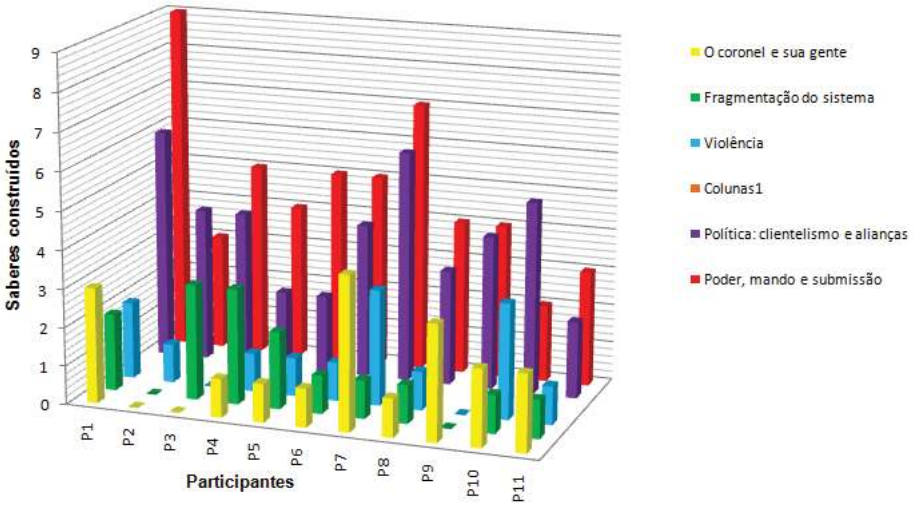


Contudo, ao se tratar de aprendizagem histórica é relevante salientar que o processo não é uniforme para todos, como bem mostrou nossa pesquisa. Sobre os processos de aprendizagem histórica, Jörn Rüsen, ao citar Schörken, afirma que "trata-se de 'processos de pensamento e de formação estruturadores de consciência', 'que geralmente encontram-se 'por trás' dos conteúdos e que habitualmente ficam velados ao aprendiz', de 'atos' mentais determinantes do comportamento, que subjazem à lida com a História" (SCHÖRKEN *apud* RÜSEN, 2010a, p. 42). Nessa citação, o autor se referiu especificamente à didática da história ou da História mediada didaticamente. Entretanto, apesar de nosso objeto de pesquisa não se tratar de uma experiência realizada em ambientes de escolarização, apreendemos a telenovela como um meio pelo qual a História pode ser mediada didaticamente, ou seja, meio pelo qual a História ou mais especificamente um "tipo de narrativa ou literacia da História" é e pode ser transmitida.

Portanto, a partir da experiência televisiva, os telespectadores estruturam seus processos de pensamento e consciência sobre os fatos e conceitos representados na trama

novelística. Aqui apresentamos o conceito de literacia histórica como um processo de letramento histórico que acompanha os sujeitos letrados para além da experiência escolar, pois o autor da telenovela apresenta na trama sua compreensão do passado e mais do que isso, a forma pela qual se apropria desse passado para pensar um objeto que estabelecerá diálogos com o público e, portanto, uma utilidade prática da História para a vida. Dessa forma, ilustramos também num gráfico comparativo a construção individual dos saberes históricos, orientados na telenovela "Gabriela", de cada um dos participantes.

Gráfico 2 – Saberes construídos, evidenciando aprendizagem individual da temática coronelismo/ clientelismo Rio Grande – RS, 2014.



Podemos perceber nas falas que, apesar dos temas da telenovela não terem sido apresentados aos telespectadores centrados em discussões historiográficas, o diálogo se estabelece de forma não fundamentada entre o aprendido e a historiografia. Ou seja, os telespectadores da telenovela não sabem quais foram os marcos de fundamentação do autor de "Gabriela" para veicular tais conceitos e ideias, apenas apreendem o sentido dos temas como se os mesmos fossem definitivos e históricos. Esse fenômeno, experienciado nas narrativas dos sujeitos, nos demonstra que eles próprios construíram sentido sobre o passado a partir da recepção televisiva e, com isso, aprenderam história. Pois, segundo Rüsen (2010a, p. 43): "o aprendizado histórico pode, portanto, ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para a tal narrativa surgem e se desenvolvem".

Ao expressarem em suas narrativas os sentidos dados sobre suas experiências no tempo, construída a partir da mediação da telenovela, percebemos seus processos de aprendizado e como para cada sujeito se constitui de forma diferente. Nesse sentido, apesar dos entrevistados perceberem a telenovela como uma ficção, entenderam o conteúdo histórico do tema discutido.

Observamos também que as unidades de referência construídas em caráter de unanimidade pelos telespectadores categorizadas em "Coronelismo/Clientelismo" foram: mando, poder e submissão, e, Política: clientelismo e alianças. Também se percebeu recorrência nas narrativas estudadas sobre: violência, fragmentação do sistema e o próprio coronel e sua gente.

Portanto, percebemos que apesar de não terem recebido seus aprendizados em um espaço de escolarização, suas falas apresentaram conceitos e motes de diálogo com a historiografia sobre coronelismo no Brasil. Assim, elencamos na sequência alguns dos extratos das narrativas dos participantes, como forma de demonstrar seu processo de aprendizagem.

Poder, mando, submissão

Nas narrativas dos participantes, observamos a construção de um saber coletivo relacionando coronelismo ao mando, sendo este diretamente interligado ao poder que os coronéis exerciam em suas regiões, bem como a submissão da população que habitava os nichos sob seu domínio. Observamos também que esta foi a categoria mais presente nas narrativas, estando intimamente ligada a outras categorias presentes nas falas dos participantes.

> Em cidades pequenas onde o poder é muito grande, o poder é muito aflorado, onde o estado não manda tanto, existem as leis. É o coronel que assume as responsabilidades e vai mandar como se fosse o dono da cidade. Ele é aquele antigo senhor de escravos ou o dono de terras, que acaba mandando no juiz, no delegado. Ele é o dono da cidade. (TURMALINA, 2013, grifo nosso).

Percebemos que a participante demonstrou o conhecimento de uma estrutura governamental e de um sistema de leis, mas afirmam que quem mandava em regiões pequenas era o coronel. Turmalina explicou que o coronel mandava porque o estado não se fazia presente nessas localidades. Quanto à aprendizagem, destacamos que apesar de não estar presente nessa fala, houve um distanciamento temporal, pois em outro momento a participante afirmou que a telenovela representava um tempo diferente do atual. Logo, a participante percebeu a diferença temporal entre a atualidade e a trama novelística, o que demonstrou a realização da operação mental da experiência, pressupondo que o sujeito possa olhar o passado diferenciando-o do presente (RÜSEN, 2010, p. 59).

Citrino, por sua vez, relatou:

> O coronelismo, naquela época, foi um sistema de mando visível. Eu me lembro do Amâncio, do Ramiro, do Jesuíno. Eles praticavam a força, tinham dinheiro e poder, principalmente poder, e aquele que apresentava mais conquistas era superior aos outros. (CITRINO, 2013, grifo nosso).

Ambos apontaram que o mando era exercido sobre toda a população, atingindo todos os indivíduos da sociedade. De acordo com Citrino, um coronel podia exercer o mando também sobre os outros coronéis, o que acontecia em função das conquistas desse coronel. Essa proposição nos levou a inferir que os participantes perceberam a existência de uma hierarquia

clara no sistema coronelista, se estendendo também sobre os próprios coronéis. A percepção dos participantes evidenciou a apreensão do conteúdo, o que, segundo Rüsen (2010), revela a realização da operação mental da experiência, uma vez que essa se traduz pela capacidade que os sujeitos têm de ter experiências temporais.

Assim, as cenas da telenovela se colocaram como o fato experenciado, pois segundo Thompson (2009b), os personagens tornam-se referências comuns para os telespectadores que podem não ter interagido entre si, mas partilharam, por meio de uma cultura mediada, de uma experiência comum e da memória coletiva, que no caso é a própria situação da hierarquia do mando.

O coronel e sua gente

Os participantes da pesquisa demonstraram saber histórico construído a respeito do próprio coronel e da sua gente. A primeira construção sobre o coronel que apareceu nas narrativas debruçou-se sobre o título do coronel.

> O coronel Ramiro Bastos era o grande coronel e tinha também o Dr. Mundinho Falcão, acontece que eles eram rivais um do outro, mas o Mundinho não era coronel. Só que o coronel é quem mandava na cidade. O Mundinho era diferente do Ramiro, ele veio do Rio de Janeiro, tinha inteligência e poder. O Ramiro não tinha poder, quer dizer só na cidade onde ele morava. Ele era bem dizer uma pessoa ignorante. Era coronel porque ele comprou o nome de coronel. (PÉROLA, 2013, grifo nosso).

Observamos que Pérola manteve uma forte ligação com a telenovela em sua narrativa histórica e nesse ponto surgiu a questão do título de coronel. Inicialmente, Pérola lembrou que o coronel Ramiro (personagem) tinha um rival (Dr. Mundinho) e que ele não era coronel. De acordo com Pérola, o coronel era o mandante da região tendo poder sobre o local, enquanto seu rival era um jovem que apesar de não ter o título de coronel teria poder até mesmo superior ao do coronel devido a sua inteligência.

Pérola pontuou um fato do período coronelista: as rivalidades políticas. Podemos destacar que a experiência da participante por meio da telenovela lhe proporcionou uma reflexão a respeito do poder do coronel, evidente na fala: "O Ramiro não tinha poder, quer dizer só na cidade onde ele morava", pois nessa fala Pérola demonstrou sua interpretação sobre o alcance do poder do coronel, entendendo que mesmo no passado, o poder do coronel estava circunscrito a uma determinada zona, não tendo alcance em outras. Esse entendimento sobre o passado mobilizou uma ressignificação dos fatos do presente por meio da redução temporal entre presente, passado e futuro, ou seja, a operação mental da interpretação (RÜSEN, 2010), que pode incidir sobre a percepção da política na atualidade.

A participante comentou que o título de coronel foi comprado. De fato, o termo coronel usado como identificação para alguns dos personagens na telenovela remeteu ao exposto pela historiografia, ou seja, o termo veio do período imperial quando era utilizado por latifundiários que haviam conquistado a patente por integrarem a guarda nacional. Porém, na república, os

coronéis deixaram de ser militares para serem patentes de integrantes das oligarquias, que agrupadas passaram a dominar a política no período da primeira república lançando mão de artimanhas como clientelismo e relações de compadrio (BARBALHO, 2007).

A partir disso, podemos entender que Pérola estabeleceu a construção de conhecimento a partir da visão dos capítulos da telenovela, porém a mensagem posta no enredo da telenovela foi decodificada e acrescida de conhecimentos prévios da participante, acréscimo e interpretação essas que parecem estar intrinsecamente ligados à sua cultura, ou seja, motivados no seu presente, pois a forma de aquisição do título de coronel não foi mencionada na telenovela.

Outro fato importante a ser salientado em relação à aprendizagem histórica de Pérola está na interpretação do conteúdo veiculado na telenovela, que se deu em parte à atenção dispensada por ela ao assistir aos capítulos de "Gabriela" (THOMPSON, 2009a). Pérola demonstrou atenção ao título de coronel, bem como apresentou a construção de saberes relacionados à forma com que a designação de coronel foi adotada pelos sujeitos que foram figuras ativas do sistema coronelista. Isso evidenciou a realização em suas narrativas da operação mental da experiência, que trata da integração entre presente e passado, demonstrado pela interpretação e conclusão acerca do título de coronel.

Diante disso, é importante frisar que tanto a aprendizagem histórica como a consciência histórica estão intrinsecamente ligadas à cultura histórica dos participantes, sendo seu aprendizado histórico também determinado por pontos de vista emocionais, estéticos, normativos e de interesses dos mesmos (RÜSEN, 2010). Os pontos de vista podem ser observados como responsáveis pela apreensão do conteúdo, pela interpretação e orientação, e, em se tratando da titulação do coronel, infere-se que houve um ponto desencadeador que chamou a atenção de Pérola para esse conteúdo.

A organização parental do coronel também era observada, conforme se apresenta nas narrativas a seguir:

> **Havia a necessidade de ter filhos, principalmente o filho homem, para ter um herdeiro masculino e continuar perpetuando o nome da família**. Essa parte era muito cobrada e como ninguém nunca colocava quem era o infértil, se era o homem ou a mulher, a culpa caia em cima da mulher, mesmo que o casal tivesse filhas, a culpa ainda seria da mulher. (CITRINO, 2013, grifo nosso).

Citrino salientou a necessidade que o coronel tinha de ter filhos. Se pensarmos nos relatos de Queiróz (1975), entenderemos o saber construído por Citrino, pois os filhos estavam alocados o mais próximo do coronel em sua relação de parentesco. Logo, a família também fazia parte de sua gente. Na hierarquização da família, o próprio coronel ocupava o lugar mais alto da pirâmide e era imediatamente seguido por seus familiares, pois tinha um legado pessoal que deveria ser deixado a alguém quando ele não pudesse mais exercer suas atividades. Desse modo, construía-se a necessidade de um herdeiro, um varão, que pudesse dar continuidade ao seu legado, já escolhido pelo próprio coronel a fim de evitar a fragmentação dos parentes, por rivalidades em função do mando.

Seguindo a lógica do entendimento da formação da família do coronel, o extrato a seguir destacou a presença de outros elementos dos parentes:

> **Era um grupo de coronéis, onde se tinha o chefão principal, depois os mais próximos a ele que também eram dominantes e depois tinham aqueles que eram mais afastados e que não vou me lembrar o nome,** mas eram mais frágeis. Eu lembro também de um coronel que se submetia ao coronel Ramiro, mas ele já tinha ideias contrárias (referência ao coronel Altino), eu não lembro com clareza as situações, mas sei que existia uma fragmentação. (ÁGATA, 2013, grifo nosso).

Observamos que Ágata percebeu que parte dos parentes era construída pelos amigos do coronel, que podiam ser muito próximos ou mais afastados dele. Esses amigos mais próximos eram outros coronéis da região e alguns comerciantes que ocupariam a faixa intermediária da pirâmide, enquanto os integrantes mais afastados seriam os sitiantes e agregados, que estariam na base da mesma pirâmide (QUEIRÓZ, 1975).

Ágata mencionou as diferenças de interesse dentro da própria família. Isso demonstrou a aprendizagem sobre as possibilidades de rivalidades internas, assunto discutido por Queiróz (1975), podendo ser responsáveis por rupturas dentro das casas.

Notamos que as narrativas destacaram a apreensão do conteúdo a respeito dos familiares do coronel, compreendendo os personagens como figuras de um passado. Portanto, os participantes realizaram a operação mental da experiência de interpretação, pois conseguiram fazer a leitura dos papéis sociais dos personagens, bem como identificar a diferença em sua postura de ação, fato que foi mais bem evidenciado na próxima narrativa, visto que mostrou uma ligação com o presente.

> [...] a gente vê a evolução da sociedade, as guerras, as lutas que as pessoas têm para ter um pouco de humanidade, mas nunca a gente perde **essa questão do coronelismo, do mando, é cultural.** Primeiro a gente foi súdito de reis, depois foi **apadrinhado do coronel**. Se tu fores (*sic*) ver na cidade e observar a prefeitura, verás **cargos de comissão**. Tem o amigo do fulaninho que consegue sempre ascender. Isso a gente viu na novela e continua vendo nos dias de hoje, são os **favorecimentos**. (TURMALINA, 2013, grifo nosso).

Turmalina compreendeu a formação dos parentescos e apresentou uma reconstrução histórica, na qual destacou os apadrinhamentos. A participante foi além da apreensão do conteúdo, pois conseguiu fazer uma integração entre presente e passado ao destacar fatos da atualidade dando uma significação de peso ao passado. Logo, expressou as operações mentais da experiência, interpretação e orientação pressupostas por Rüsen (2010), que conferem sentido ao passado, determinando sua aplicabilidade na vida prática.

Outro ponto a ser pensado é que Turmalina abordou o uso da proximidade com o mandante como um fato recorrente, como uma permanência desse passado, quase como uma regra. Percebemos na fala de Turmalina a formação de sentido exemplar, pois ela relacionou a experiência passada a experiências que permaneceram na atualidade, o que na visão ruseniana significa correlacionar experiências a ponto de reconhecê-las como uma regra abrangente, relacionável a casos análogos que venham a ocorrer tanto em situações de vida cotidiana, quanto em situações de vida futura (RÜSEN, 2012).

As narrativas envolvendo o coronel e sua família mostraram as operações mentais da experiência, interpretação e orientação, pois os participantes conseguiram aprender

conteúdos como: o título do coronel, a forma de construção e hierarquização dos parentescos. Essa construção de saberes esteve suportada na experiência coletiva contida na história de cada personagem, pois eles, de alguma forma, despertaram um padrão de identificação com os participantes (THOMPSON, 2009a) ou responderam seus questionamentos (RÜSEN, 2010).

Fragmentação do sistema

Com relação ao sistema coronelista, antes de analisarmos os saberes construídos pelos participantes, precisamos considerar que Leal (2012) sustentou que o sistema coronelista teria se mantido até a contemporaneidade por haver sofrido marchas e contramarchas, fator que seria responsável por uma nova relação de compromissos. Contudo, pensar nisso seria uma incoerência da parte de Leal, pois para Carvalho (2012), a sociedade já havia sofrido mudanças de cunho demográfico, o que inviabilizaria a manutenção do sistema coronelístico nos moldes tradicionais (PIERANTI, 2008). Tendo isso em mente, podemos partir para a análise das narrativas dos participantes.

> O **coronelismo terminou**, porque se tu fores *(sic)* ver **não tem mais coronéis, mas isso ainda ocorre.** Por exemplo: hoje em dia nós temos a Dilma que é uma representação do Lula, porque o ex-presidente trouxe mudanças, que seguem um pouco a linha da direita. **Ele teve que se vincular à linha da direita para poder se eleger, então isso foi troca, também como foi relacionado com o Mundinho Falcão.** O Lula se aliou à direita, formada por grandes poderosos. Foi o mesmo que o Mundinho fez: cooptou os coronéis que eram favoráveis ao Ramiro Bastos e acabou se dando bem, se elegendo, claro que de uma forma diferenciada porque o tempo é outro, o espaço é outro, com acesso à informação, porque é um período diferente, mas a essência é a mesma... Hoje é assim, um se alia a outro em troca de favores, um exemplo disso é que quem está em cargo de confiança ganha, às vezes, quatro vezes mais que os outros para ser os olhos e ouvidos de quem manda. Aqui, na prefeitura, é assim. (GRANADA, 2013, grifo nosso).

Observa-se na fala de Granada o conhecimento sobre o fim do coronelismo, posto nas seguintes expressões: "coronelismo terminou", "não tem mais coronéis", demonstrando a ruptura com o sistema coronelista (aqui entendido como o passado), o que segundo Rüsen (2010) evidencia uma aprendizagem histórica crítica.

Todavia, na fala de Granada foi evidenciada a redução de tempo entre o passado e o presente por meio da concepção de um todo temporal, segundo Rüsen (2010). Pela expressão "mas isso ainda ocorre. Por exemplo: hoje em dia nós temos a Dilma que é uma representação do Lula, porque o ex-presidente trouxe mudanças, que seguem um pouco a linha da direita", por meio da qual Granada, conforme Rüsen (2010) realizou sua interpretação do passado e sua orientação para a vida prática. Foi nesse momento que revelou uma consciência histórica genética, pois ressignificou a história. Os modelos culturais e de vida sofreram mudanças a fim de se manter. Com isso, orientou-se para o convívio em sociedade, demonstrando a aceitação de distintos pontos de vista em prol do desenvolvimento comum (RÜSEN, 2010).

É preciso salientar também a interpretação dos participantes a respeito da reconstrução histórica mostrada na telenovela, ou seja, da narrativa histórica que a telenovela representou, pois ela é o instrumento adotado como massificador da aprendizagem histórica.

> O Mundinho veio de uma cidade grande com outra visão e então se deparou com uma cidade à moda antiga. Ele quer mudanças, não aceita o que o coronel vinha impondo na cidade, aquelas leis absurdas e nem era lei, era o mando mesmo. Então, eu entendi que no fim **haveria mudanças com a morte do Ramiro, devagar, mas haveria**. **Alguns coronéis iam ser contra** as leis que o Mundinho lançaria. As decisões que ele ia tomar porque iam ser diferentes do eles tinham vivido, **mas ia acontecer muita coisa ainda.** (ZIRCÔNIA, 2013, grifo nosso).

Zircônia construiu um aprendizado que compreendeu o personagem Ramiro como o representante máximo do coronelismo, o mando estava inserido nesse saber como uma de suas artimanhas. Sendo assim, o momento de sua morte foi interpretado como o fim do sistema coronelista. Nesse ponto é importante salientar, que na narrativa de "Gabriela" não foi pontuada a questão do golpe de estado de 1930, evento apontado por Pieranti (2008) como responsável pelo fim do sistema coronelista e da política dos governadores.

Diante da premissa, entendemos que a apreensão do conteúdo exibido em "Gabriela", tal qual a interpretação realizada pela participante, foi condizente. Desse modo, podemos considerar sua narrativa como evidência da aprendizagem histórica, pois "com ela, particularidade e processualidade da consciência histórica podem ser explicitadas didaticamente e constituídas como uma determinada construção de sentido sobre a experiência do tempo" (RÜSEN, 2010, p. 43). Ou seja, o aprendizado histórico é o processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo, experiência que foi manifestada nas cenas da telenovela e que teve sua construção de sentido revelada na fala de Zircônia.

Classificamos sua consciência histórica como genética, pois ficou evidente a apreensão acerca das transformações dos modelos culturais no que tange a experiência do tempo, bem como a aceitação de pontos de vista distintos relacionados à significação histórica, tal qual foi pontuado por Rüsen (2010).

Violência

Ao pensarmos em coronelismo não podemos deixar de mencionar a violência, que pode ser entendida como uma ação física praticada de forma deliberada por um indivíduo ou mais indivíduos sobre um ou mais indivíduos com a finalidade de afrontar ou mesmo eliminar a vítima (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998). Posto isso, podemos afirmar que a violência se edificou como um artifício de grande expressividade no coronelismo, sendo instituída nas relações cotidianas e manifestando-se nas várias dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade (SILVA, 2010).

Observamos que as participantes Jade e Ágata, de imediato, identificaram a figura central do coronel como o mandante da região.

> **A violência era usada para tudo**. No primeiro capítulo mostra uma família que morava na terra e eles chegaram, tiraram, mataram e tomaram a terra e já se colocaram. E então, começa a crescer aquela sociedade **e um, que tem mais força, passa a mandar ali.** Eles **também usavam a violência para impor a lei, só que a lei era do próprio corone**l. (JADE, 2013, grifo nosso).

Jade afirmou que a violência era usada para tudo, principalmente como forma de manter o poder de mando do coronel, saber que está de acordo com a historiografia, pois tanto a violência, quanto os atos de crueldade e as práticas clientelistas foram artimanhas dos coronéis para exercer seu poder de mando (QUEIROZ, 1975).

Já para Ágata: "Se **o coronel queria alguma coisa não tinha o que impedisse**, **tu tinha *(sic)* que ceder** de alguma forma ou tu morria, porque era assim que funcionava, pela **questão da violência**" (ÁGATA, ano, grifo nosso). Ágata entendeu que não havia nada que impedisse o coronel de realizar sua vontade e para isso ele lançava mão da violência, sendo que seu entendimento complementou a ideia de total domínio da situação lançada por Jade anteriormente. O coronel era a própria lei, ou seja, nas regiões de sua atuação, a lei era o desejo do coronel, sendo as penalidades somente aplicadas em conformidade com a sua vontade.

Nas falas das participantes notamos a construção de saber por meio da experiência com o passado, ou seja, as participantes aprenderam o conteúdo histórico. No entanto, o conteúdo aprendido não passou pela fase da interpretação, pela qual seria estabelecida uma ligação com o presente. Com isso podemos dizer que sua aprendizagem não teve um efeito prático, pois, sem realizar a operação mental da interpretação, não se realiza a operação mental da orientação, que prevê uma ação na vida prática (RÜSEN, 2010).

A lógica da violência relacionada à posse da terra foi seguida pelos participantes Citrino e Ônix:

> Os coronéis, mesmo sem achar uma terra sem dono, em várias ocasiões, obrigavam **as pessoas a ceder a terra. Caso não cedessem, toda a família era exterminada** . (CITRINO, 2013, grifo nosso).

> A terra era um grande problema, naquela época era conquistada por meio de lutas, barganhas**. Tinha latifundiários e empregados, que eram colocados na ponta de uma parte de terra e os latifundiários compravam a terra por ninharia das pessoas para forçá-las a sair**. Então, o que se via era o latifundiário empurrando o mais pobre para fora do terreno, com um convite particular, sair ou sair. **Por eu ter morado para fora, eu conheço bem essa parte da terra**. A quantidade de campo não era conhecida ao todo, não se tinha uma base de distância, mas era **o desejo de obter esse campo que fazia aumentar as propriedades,** quanto mais, melhor. **Hoje, aquele espaço não é importante ou interessante para os filhos e parentes de quem o conquistou, pois, geralmente, não se sabe como lidar com ele. Acaba sendo vendido ou deixado de lado**. Essa novela teve tantos anos e até hoje isso existe. (ÔNIX, 2013, grifo nosso).

Ambos os participantes entenderam que a terra era o bem maior do período coronelista, fato que está de acordo com a economia agrária da época. Eles entenderam que a terra era conquistada de forma violenta, edificando seus saberes em torno dos casos de expropriação. Citrino destacou o fato das famílias abandonarem suas terras como forma de preservar

suas vidas, enquanto Ônix acrescentou o caso de compras forçadas. Para Ônix, as pequenas propriedades lindeiras aos latifúndios eram engolidas pelos latifundiários por meio de vendas obrigadas, que tinham como pagamento quantias irrisórias.

Ônix acrescentou em sua narrativa que seu conhecimento teve como base sua experiência de vida no meio rural, revelando que para o habitante do campo era importante adquirir grandes quantidades de terra. Observamos que Ônix demonstrou transitar entre temporalidades distintas no momento em que revelou sua infância no campo, o que promoveu o desenvolvimento da aprendizagem histórica. Essa experiência de diferença de tempo aumenta a aprendizagem histórica quantitativamente, quando se experimentam qualidades temporais distintas e, qualitativamente no momento em que se percebem qualidades temporais próprias dentro da diferença de qualidade temporal do passado (RÜSEN, 2012).

Salientamos que Ônix comparou presente, passado e o próprio presente histórico, traduzido na forma de suas recordações da infância, estabelecendo uma ligação entre as distintas temporalidades, expressando a operação mental da interpretação. A partir daí, construiu sua orientação, concluindo que nem sempre a descendência atribui os mesmos valores a terra que sua ascendência. Em outras palavras, Ônix, percebeu que pais e filhos têm visões diferentes acerca da terra, as quais podem ficar improdutivas ou serem vendidas. Notamos que Ônix revelou estar ciente da transformação da mentalidade entre as gerações, ou seja, aceitou a mudança de valores, ao mesmo tempo em que destacou que o tema da posse de terra abordado na telenovela é um problema de contexto atual.

A violência foi usada também como artifício eleitoral:

> [...] a violência estava ligada ao fato de que **quanto mais terras o coronel tinha, maior era o seu poder**. Então, **a violência era uma forma de coação, uma forma de exercer ações coercitivas sobre a população, também obrigando as pessoas a votar em quem o coronel queria**, porque senão podiam **matá-las ou retirar suas casas**. Então, muitos desses **coronéis se afirmavam justamente por meio da violência.** (TURQUESA, 2013, grifo nosso).

Para Turquesa, a violência estava intimamente ligada ao poder do coronel, sendo usada como uma forma de coagir a população, obrigando-a a votar em quem o mandante votasse, sob pena de perder a vida ou os poucos bens materiais que possuía. Conforme Leal (2012), após o advento da Proclamação da República, houve a concretização da violência e do mando. Assim, mesmo que no decorrer do tempo houvesse sido estabelecido o voto secreto por ocasião do governo provisório de Getúlio Vargas, o coronelismo político manteve-se, visto que os coronéis adaptaram-se a esse novo momento, lançando mão da violência. O fato refletiu em denúncias de práticas de violência tais como torturas cotidianas, execuções sumárias e trabalho escravo, que em conjunto com a corrupção da máquina estatal, colocaram o país em posição negativa a nível mundial no que tange os direitos humanos (SANTOS; CAPPARELLI, 2005).

Compreendemos que Turquesa experienciou o passado pela telenovela e construiu sua interpretação associando a violência ao pleito eleitoral. Na novela foram mostradas cenas referentes ao pleito eleitoral, porém a violência esteve relacionada à ação de eliminar o inimigo, não estando voltada à população em geral, nem a situações de voto de cabresto. Desse modo, entendemos que a participante interpretou o conteúdo da experiência de forma

a satisfazer seus próprios questionamentos, surgidos no presente e, para isso, associou seu conhecimento prévio (RÜSEN, 2010). Com isso, a interpretação da experiência novelística em associação com outras experiências puderam satisfazer sua necessidade de orientação.

Política: clientelismo e alianças

Segundo Faoro (2012), os coronéis eram homens ricos, detentores de fortunas que eram gastas com diversões legais e ilegais. Eram vistos como os "indivíduos que pagavam as contas". Logo, o coronel era primeiramente um líder econômico, para depois se configurar como líder político. Sua fortuna, em geral, provinha da posse da terra, já que essa era a riqueza da sociedade agrária brasileira, porém havia coronéis em uma situação financeira remediada.

O coronel exercia seu poder não só pela sua situação financeira, posição em que não caberia um indivíduo pobre, mas por meio de seu reconhecimento de um pacto não escrito. Ele tinha sua posição reafirmada na falha do estado para com a municipalidade, pois era o coronel que assumia a responsabilidade de agir onde os serviços essenciais do estado não chegavam. Logo, o coronel era o indivíduo que lidava com a polícia, os cobradores de impostos, pleiteava obras públicas para o pobre cidadão que habita as regiões negligenciadas pelo estado (FAORO, 2012).

Com isso, o coronel se sobressaiu como o indivíduo capaz de proporcionar o que a população necessitava, fato que passou a ser um favor ao pobre indivíduo esquecido pelo poder público. Sob esta perspectiva, deflagrou-se a relação de troca de favores, pois o coronel realizava um favor ao pobre cidadão do mesmo modo que este passava a dever um favor àquele, firmando assim a prática clientelista.

O clientelismo esteve presente em muitas culturas, não sendo exclusividade do coronelismo, mas tanto no Brasil como em outros continentes manteve como base uma relação de troca, onde "os seguidores procuram os líderes que lhe oferecem as maiores vantagens e confiança. Em troca, oferecem serviços e lealdade. Ter bom número de seguidores dava ao líder honra (izat) e o poder de humilhar os rivais" (BURKE, 2012, p. 117). Ocorria o mesmo no coronelismo, pois a gente do coronel procurava o líder em busca de maiores vantagens e segurança, oferecendo a ele serviços e lealdade. Assim, no sistema coronelista, a relação de compromisso se constituiu porque o coronel garantia favores que supriam a falha do Estado e sua gente oferecia-lhe lealdade.

Seguindo a lógica clientelista da troca de favor, Jade construiu a seguinte narrativa:

> **O Ramiro captava os votos pelo poder que tinha na cidade até sobre os outros coronéis. O Mundinho começou a captar aliados**, oferecendo mudança que trariam vantagens para a cidade e, por consequência, para quem se aliasse a ele. **É uma troca de favor. A maneira com que vai ser feito é diferente, mas chega ao mesmo ponto**. O Ramiro oferece algumas vantagens e quando não funciona ele impõe. Quem não trabalha no ritmo dele sofre as consequências. Eu via todo mundo com medo dele. O Mundinho não usa a mesma coisa**, mas no final ele também usa a troca**... Eu me lembro do **Ramiro dizer que conhecia o governador. Então, ele tinha aliança que ia além daquelas com os coronéis**. O poder dele ia um pouco mais além da cidade de Ilhéus e **isso era uma forma dele também conseguir se manter**. (JADE, 2013, grifo nosso).

Para Jade, o coronel exercia o mando na região, estendendo-se também sobre os outros coronéis e para cooptar votos. Sob a lógica de Faoro (2012), o coronel exercia o mando como um direito que lhe era reconhecido. Da mesma forma, ele era o sujeito capaz de conquistar benesses para a região. Logo, era visto como aquele que podia oferecer algo, mas que desejava outra coisa em troca, o voto. Os outros coronéis se comportavam assim também com sua gente.

Ela percebeu que o favor prestado era um sustentáculo para as alianças políticas e destacou o personagem Mundinho, opositor do coronel. Ele também teve a necessidade de cooptar votos e, em troca disso, prometeu a realização de benfeitorias na municipalidade. Além das benfeitorias apareceu o favor trocado em função de alianças políticas. Mundinho estava em posição de superioridade ao coronel, visto que seus aliados ocuparam esferas de poder superiores.

As primeiras falas de Jade demonstraram que, de acordo com Rüsen (2010), a participante apresentou em sua narrativa a operação mental da experiência, pois Jade assistiu as cenas da telenovela e percebeu sua qualidade temporal, ou seja, entendeu-as como uma vivência do passado. Ela apreendeu o conteúdo histórico que a cenas referentes à política coronelista traziam, demonstrando o entendimento do que era fundamental e histórico.

> [...] **continuou tendo as mesmas trocas de favor**, mas não usando tanto a força para conseguir tudo o que queria. Então, **hoje o que se vê nas eleições é venda de voto. Um grupo de pessoas que não tem nada, troca o voto por uma televisão, um sacolão.** (JADE, 2013, grifo nosso).

Jade compreendeu que mesmo o coronelismo tendo acabado, uma de suas artimanhas políticas permaneceu até a atualidade. Isso nos levou a classificar sua consciência histórica como crítico-genética, pois a participante viu a mudança no sistema político, ou seja, ocorreu a mudança do que era ameaçador e abriu-se a possibilidade para que a atividade humana criasse um novo mundo (RÜSEN, 2010). No entanto, permaneceu a relação clientelística, que sustentava o coronelismo e norteou sua a orientação crítica à política atual.

Turquesa reforçou a ideia de Jade:

> A gente tem algumas questões do país que não mudaram muito. É bem visível o quadro que foi retratado na novela, que é o **curral eleitoral.** O que seria isso? **Eu dou algo para alguém** de menor valor, não com boas características, mas para aquela pessoa receber e servir como moeda de troca para voto ou outras coisas relacionadas à política... e a novela mostra bem isso. **Eu dou alguma coisa para ti, ou faço uma melhoria na tua casa, logo tu tens o compromisso de me dar um voto, de estar comigo**, ou de idolatrar a mim como alguém que realmente pode fazer alguma modificação. Muitas vezes isso era só momentâneo e a região passava a ser desvalorizada novamente. (TURQUESA, 2013, grifo nosso).

Ao compreender as cenas representadas na telenovela como uma representação do passado, Turquesa reconheceu sua presença na contemporaneidade. Permaneceu a relação de troca, tendo o voto como moeda principal, o que exemplificou na fala a seguir:

> Um exemplo disso é **o pleito eleitoral**: **eu tenho mais poder**, então **te dou um saquinho de feijão; Aí tu ficas feliz, então tu votas em mim**. Em algumas regiões essas questões são escancaradas e em outras são veladas. Só que eu acho que isso **a nível nacional é**

> **tão escancarado que tomou outro formato: exemplo é o bolsa família.** O Bolsa Família é uma forma de manter o curral eleitoral, porque se estou no poder e dou R$ 70,00 e apareço na televisão dizendo que dou 10% de aumento no bolsa família(usando uma mídia que é vista nacionalmente), então, eu não estou dizendo diretamente vota em mim, mas estou mostrando como sou bom. De certa forma, de forma indireta, digo: vota em mim, até porque eu também sou candidato nas próximas eleições. É aí que a gente percebe que **o curral eleitoral** e as antigas ações se mantêm. (TURQUESA, 2013, grifo nosso).

Turquesa citou uma prática do passado usada na atualidade. Essa prática caracteriza-se pelas trocas de bens, onde o capital simbólico do que é trocado tem um valor inferior ao outro, sendo que um dos bens tem seu valor legitimado pelo seu próprio legitimador (BOURDIEU, 1998), ou seja, bens de menor valor passam a ter o mesmo valor de outros ou até maior, em função de quem está participando da troca.

Percebemos que Turquesa destacou também o papel da televisão, meio de comunicação que tem capacidade de formar opinião devido à abrangência de sua audiência. Este fato é de muita importância, pois ao mesmo tempo em que a TV pode gerar um debate, também pode inibi-lo em função do campo cultural dos seus telespectadores. Ao mencionar as trocas de votos por produtos alimentícios e o Plano Assistencial do Bolsa Família, Turquesa realizou sua crítica. Pois, foi nesta fala que apareceu sua interpretação do presente, bem como sua posição indignada frente às práticas governamentais assistencialistas divulgadas na mídia televisiva. Essa crítica refletiu sobre sua consciência histórica mediante à operação mental da orientação, pois segundo Rüsen (2010) é essa orientação que vai determinar suas ações tanto no presente como no futuro.

Considerações finais

Após a avaliação e discussão dos extratos das narrativas percebemos que os saberes construídos mostraram-se interligados nas falas dos participantes com especial destaque ao mando e à questão eleitoral.

Os participantes também construíram associações do clientelismo como sustentáculo do parentesco e vice versa, que juntamente com a violência, sustentavam o poder do coronel e o pleito eleitoral, construções essas que estão em acordo com a historiografia.

Os conteúdos aprendidos pelos telespectadores de "Gabriela" estiveram de acordo com a historiografia. Além disso, eles compreenderam a telenovela como uma representação do passado. Logo, entenderam as diferenças temporais entre o presente e as cenas exibidas em "Gabriela" e processaram as operações mentais da experiência, interpretação e orientação de formas distintas, fator que evidenciou a individualidade do aprendizado.

Referências

BARBALHO, A. Os modernos e os tradicionais: cultura política no Ceará contemporâneo. **Estudos de Sociologia,** Araraquara, v. 12, n. 22, p. 27-42, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

BRASIL. **Lei nº 8.009, de 29 de março de 1990**. Medida provisória nº 143, de 8 de março de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8009.htm>. Acesso em: 10 maio 2012.

BURKE, P. **História e teoria social**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FAORO, R. **Os donos do poder**: formação do patronato brasileiro. 5. ed. São Paulo: Globo, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: Síntese de Indicadores de 2009. Rio de Janeiro, 2013.

LEAL, V. N. **Coronelismo, enxada e voto:** o município e regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações** v. 2, n. 2, p. 08-18, 2008.

MARTINS, E. C. R. Aprendizagem histórica: desafio e projeto. In: RÜSEN, J. **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

PIERANTI, O. P. A radiodifusão e os coronéis da mídia: uma discussão conceitual acerca do "coronelismo eletrônico". **ECO-PÓS**, v. 11, n. 1, p. 128-145, jan./jul. 2008.

QUEIRÓZ, M. I. P. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira.** O Brasil Republicano: Estrutura de poder e economia (1889-1930)**.** Tomo III, v. 1, São Paulo: Difel, 1975.

RÜSEN, J. Aprendizado histórico. In: SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

_____. **Aprendizagem histórica:** fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012.

SANTOS, S.; CAPPARELLI, S. Coronelismo, radiodifusão e voto: a nova face de um velho conceito. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (Org.). **Rede Globo**: 40 anos de poder e hegemonia. 1. ed. São Paulo: Paulus, v. 1, p. 77-101, 2005.

SCHIMIDT, M. A. Literacia histórica: Um desafio para educação histórica no século XXI. **Historia & Ensino**, Londrina, v. 15, p. 09-22, 2009.

SILVA, R. B. V. Coronelismo e banditismo no sul de Mato Grosso: uma análise sobre a violência costumeira em Sant'ana de Paranaíba, 2010. Disponível em: <http://www.cptl.ufms.br/hist/ndhist/Anais/Anais%202010/Aceitos%20em%20ordem%20alfabetica/Rodolfo%20Batista%20VALERIO%20da%20SILVA.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2014.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TONON, J. B. **Recepção de telenovelas:** identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela "mulheres apaixonadas. 2005. 179f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Recebido em 29 de março de 2015
Revisado em 28 de agosto de 2015
Aceito em 04 de setembro de 2015.